

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Cleusa de Fátima Teixeira Romani

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora/Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Janice Zilio Martins Pedroso

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: Microsoft Teams - Entrevistada em Ourinhos/SP e a entrevistadora em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Data: 16 de junho de 2024

Duração: 2 horas

Número de vídeos: 3

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 42

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: Memórias do trabalho docente”, no dia 16 de junho de 2024, com a professora Cleusa de Fátima Teixeira Romani, que atuou na Etec Orlando Quagliato como professora de Arte. Como esse ano nossa investigação buscou levantar os professores de arte e identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas no curso de Técnico em Agropecuária, a professora Cleusa foi selecionada por ser a primeira

professora que atuou na escola após o Centro Paula Souza assumir a administração das Escolas Técnicas.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 17 de junho de 2024 a 20 de julho de 2024.

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Recebido no Gepemhep: 27 de setembro de 2024.

Vídeo um (parte um): 50 minutos e 17 segundos

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): É boa tarde, Cleusa, tudo bem com você?

Cleusa de Fátima Teixeira Romani (CFTR): Tudo bem.

JZMP: Bom, a gente já se conhece, né? Eu sou a professora Janice Zilio Martins Pedroso, eu agradeço muito a sua disposição de estar aqui nesta tarde, deixando seus afazeres de lado, né? Demorou, mas nós conseguimos. Cleusa de Fátima Teixeira Romani e poder me conceder essa entrevista hoje que é dia 16 de junho de 2024, pela plataforma Microsoft Teams. Essa entrevista vai para o Centro de Memória da Etec Orlando Quagliato, em Santa Cruz do Rio Pardo, e será difundida através do site de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Então, para nós começarmos esse bate-papo, eu gostaria que você nos contasse um pouquinho sobre a sua origem familiar e social para essa entrevista de história oral de vida.

CFTR: Bom, primeiramente, boa tarde, Janice. É um prazer imenso, enorme poder conversar com você, não é? Depois de tanto tempo que a gente se conhece, né? Trabalhamos juntas, mas depois eu vim para Ourinhos e aí nós nos distanciamos um pouco, mas é um prazer muito grande. Poder falar desse projeto porque enquanto eu estava na Paula Souza é..., eu já ouvia falar desse projeto. Eu achava

assim interessantíssimo pelo fato de fazer levantamento do patrimônio-histórico cultural do Centro Paula Souza é..., eu iniciei alguma coisa nesse sentido com aqui na Etec de Ourinhos, né? Com alunos de primeiro e segundo ano, nós tínhamos projetos, então nós fizemos daqui da Etec levantamento histórico, né? E foi assim, uma fase muito bacana, muito legal, porque a gente levantou tudo o histórico do prédio, da fundação, com quem começou, né? Porque antes não era Etec, era escola estadual, né? Tinha os cursos técnicos, mas não era, não era Paula Souza. A partir de 95 que começou, a ser Centro Paula Souza. Então, nós fizemos, foi muito bacana. Os alunos, eles tiveram uma aceitação muito grande, e... levantamos a questão histórica em termos de direção, professores, alunos, é até mesmo a parte física da escola que mudou bastante, né? E, quando eu ingressei em 95, eu ingressei na Etec Orlando Quagliato. Primeiramente, a minha formação familiar, principalmente; eu sou a terceira filha de um casal com misturas de pernambucanos com portugueses, meu pai tinha descendência portuguesa e minha mãe então veio do norte de Pernambuco. E, meu avô veio de Portugal para o Brasil e aqui também conheceu a nordestina, casou-se e aí teve os filhos também com a nordestina. Depois aí meu pai conheceu minha mãe, não é? Casou-se e morava no sítio. E depois vieram para a cidade por volta dos anos 40 por aí. Vieram para Ourinhos. Eu nasci em Ourinhos. Tenho 63 anos e amo a minha cidade. Gosto muito da minha cidade. Também já fizemos com os alunos levantamento patrimonial, histórico e cultural de Ourinhos, assim bem por cima, né? Não, não nos aprofundamos porque teríamos que ter muito tempo e nós não tínhamos tempo hábil para terminar o projeto, mas foi muito bacana. E eu sou casada, já há 33 anos... (Isso! É... minha filha, vai fazer 34) há 33 anos, ele é também de Ourinhos, meu marido, também nasceu em Ourinhos. A minha filha, hoje com 34 anos, mora em São Paulo, trabalha numa multinacional de vendas de materiais para hospitais. Estudou em Ourinhos até a universidade, depois foi pra USP, para São Paulo, na USP. Fez cursos de formação, dois cursos de formação, depois entrou no Mestrado. Não quis fazer o doutorado e foi trabalhar na área, e está até hoje. Então, foi quando eu assumi no estado, né, que eu era professora no estado, desde 87, e depois eu assumi o estado, dava aula na Orlando Quagliato aqui pertinho de Santa Cruz também, e depois eu fiz o concurso da Etec, né, na Paula Souza em 95. E... passei mais aqui em Ourinhos, não tinha, não tinha vaga suficiente para mim, né?

Como nós fomos em 3 professores de Artes que passaram aqui. O primeiro é... assumiu as aulas que tinha aqui na Etec. Eu fui assumir as aulas que tinha em Santa Cruz, na Etec Orlando Quagliato, na época, ainda não tinha trocado o nome né? E para mim foi um desafio muito grande, muito, muito grande, porque eu estou meio assim para ir, né estar lá, eu ia uma vez por semana para a aula e eu pegava o ônibus que ia para Bauru. É (risos), a minha vida é uma história também. Eu pegava o ônibus é... 6 horas que ia para Bauru. Na época, não tinha essas circulares que tem agora né? Que é bem mais prático. E parava, descia no Paloma, posto Paloma, pertinho de Santa Cruz, porque a escola ficava logo atrás, 2 km do Paloma. Às vezes eu caminhava porque era muito cedinho, né? Quando era no calor, tinha horário de verão, era mais difícil, era escuro. Mas, depois voltou no inverno, dava para caminhar 2 Km e chegar na escola. Chegava na escola e era o único horário que dava certo. Eu tinha 4 aulas no dia, na verdade é... eram quatro de Artes. Então, as minhas eram as 4 últimas, então eu tinha que esperar, não é? Até que dava o meu horário para dar, para dar aula. E esse horário não foi muito fácil, mas, muito ... muito bacana para mim. Eu pegava a terceira aula, não é? Os meninos depois já tinham intervalo, eles corriam para os alojamentos e depois desciam já com os pratos na mão, né? Seria a minha aula, depois, aí nós trabalhávamos e, eles... Então eu escutava o barulho dos pratos de baixo das carteiras. Era assim, muito bacana, porque eles... eles frequentavam, mas é ... como antes da minha aula eles tiveram aulas práticas, de campo, então eles já estavam com fome (risos). A terceira, quarta e a quinta aula, então eles ficavam assim, morrendo de fome, né? Já queria o almoço, meu lanche na terceira aula, mas não era suficiente, mas é. Eu tenho muitas lembranças, muitas lembranças boas aqui da escola. Ah, o corpo docente maravilhoso, maravilhoso mesmo. A direção dava todo apoio para nós, professores, para as nossas dificuldades que nos encontrávamos, em termos de ir e voltar. Eu passava a tarde toda, eu só voltava às 5 horas da tarde para Santa Cruz, com o ônibus que levava os alunos que morava em Santa Cruz para mim pegar o ônibus que vinha de Bauru às seis horas da tarde. E eu chegava em casa por volta de sete, oito horas da noite.

JZMP: Nossa! Um sacrifício e tanto, né?

CFTR: É. Uma vez por semana, toda segunda-feira, era isso. Era um dia inteiro praticamente para dar 3 aulas.

JZMP: Olha aqui, olha que interessante, não é? É, você falou dos meninos, Cleusa. Você lembra dos cursos que você ministrou aula de Artes?

CFTR: Ah, lembro perfeitamente. Nossa! Eram meninos assim, de vários lugares até do país, né? Porque nós tínhamos de Goiás, de... Sabe de lá pra cima que vinha fazer, eles tinham alojamento, né? Eu tentei aproveitar o máximo das aulas técnicas que eles tinham para juntar com as minhas de Arte, utilizando a história da arte, utilizando a parte vegetativa que eles trabalhavam, a parte da terra com obras de artes, com artistas e com os trabalhos que a gente realizava, sabe? Com a Terra, eu desenvolvi um projeto com eles até de jardinagem, até usando muito as paisagens de Monet. É quando a entrava no modernismo e o Monet era assim, usava muito paisagens, a ponte, o Rio Sena; e ele era ... inspirava tudo isso, né? Então, a questão das flores que nós fizemos levantamento das flores da que tinha na escola e as que não tinham, nós plantamos nos jardins, sabe? Então é, ele era impressionista, né o Monet e, depois a gente utilizou a Van Gogh com expressionismo, sabe? Com cores mais fortes na plantaçãõ. Nós fizemos um jardim maravilhoso, todo ornamentado, sabe? Em torno tudo fizemos o contorno, o contorno do jardim, com pingos de ouro, é uma folhagemzinha ornamental mesmo sabe. Então nós fizemos o conforto e essas mudas eu levava daqui da minha casa, que eu tinha aqui no meu jardim, então levava assim, eu levava sacolas assim, sacolas da Casas Pernambucanas grandona. Eu pedia lá... estava cheia de mudinhas, de galinhos, para nós fazermos a mudinha no viveiro.

JZMP: Que legal, Cleusa! Então... então você fazia as aulas de Artes chegar bem próximo do que eles já faziam na fazenda! Para o curso de Agropecuária!

CFTR: Mais perto possível. Depois a gente trabalhou...

JZMP: Que legal.

CFTR: Eles trabalhavam com gado, e aí nós trabalhamos a arte brasileira, desde o expressionismo brasileiro, né? O Di Cavalcante, é o que gostava muito de pintar; as fazendas, as fazendinhas, né? Como é que chama.... ah de Anita Malfatti, né? A gente mexia muito com ela. As fazendinhas, a paisagem que ela fazia de forma cubista, mas a gente ia para fora e visualizava isso é em termos de planta também. Fizemos a maquete da escola, assim focada como se fosse uma fazenda e de forma cubista igual a Anita Malfatti, enfim, eu procurei chegar, levar os meninos... os professores na área técnica, eu conversava muito com eles, né? Então os meninos, iam pra roça, iam mexer com o gado, mexer com parte hídrica, a parte de horta.... Então eu puxava, trazia pra mim, pra sala de aula! Os alunos pintavam, os alunos criavam... Eu levava muito assim, sabe? Pra eles é essa coisa de eles ver de perto o que tinha na época.

JZMP: Bom, você tinha me dito que você assim, integrava o pessoal da parte prática e tentava trabalhar com eles o mais próximo possível dentro da... da sua disciplina que era a Arte. Trabalhar o mais próximo possível da realidade deles, do curso deles...

CFTR: É, do curso. Por quê? Para que eles tivessem um olhar, não isolado da arte. Então é que a arte ela está presente em todos os olhares, em todos os lugares, eles poderiam... Eles poderiam olhar em determinadas coisas e lembrar de tal artista. Lembrar da importância daquele artista para a humanidade ou para nós brasileiros, né? No caso de Di Cavalcanti, de Anita, da Tarsila.... Eu tinha dito que era Anita né? Mas, nós fizemos muitas fazendinhas da Tarsila, e eles dar de encontro com essa... o porquê dessa arte, desses artistas. Então por que que eles pintavam determinados movimentos e os movimentos artísticos também; sabe, hoje em dia, é identificando os movimentos desde lá da pré-história que a gente começou, encontramos acervo ali nós simulamos como que fosse um sítio arqueológico, e nós saímos pela fazenda ali na Orlando Quagliato, e encontrávamos vestígios em pedaços de tijolos, em pedaços de telha quebrada, sabe? O trabalho arqueológico, o que eles fazem. Esses profissionais, nós trabalhamos. O que eles encontravam e o que tinha no passado, então até chegar no presente, até chegar nele, e várias vezes eu levei em várias exposições em São

Paulo, centro cultural do Banco do Brasil, centro cultural do banco Itaú; nós fomos nas bienais.... nas bienais nós encontramos coisas que nós tínhamos visto em sala de aula e eles identificavam. Fomos em duas ou três exposições... eu acho que em mais que eu levei porque eu estava sempre em contato com São Paulo. Uma exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil, do Picasso. Nós fomos ver na Oca, nós fomos ver.... o Leonardo da Vinci...; outro lugar que nós fomos também foi o Museu do Som... olha, foi muito bacana, porque eu tinha maior prazer te levá-los porquê da primeira vez que nós fomos numa Bienal e vários deles, pra não falar muitos deles nunca tinham ido a São Paulo. Nós tínhamos alunos do Acre, nós tínhamos alunos de Manaus, nós tínhamos alunos de outros estados distantes, então eles nunca tiveram oportunidade de ir para São Paulo. Até mesmo os ali de perto mesmo de Santa Cruz. Então, quando nós entramos em São Paulo, eu lembro até hoje o impacto que eles tiveram e, acho que os pais devem ter assim feito grandes recomendações, que é tudo perigoso, que São Paulo, é perigoso, que toma cuidado, né? Então, sempre ia eu ou a Madalena, né? Que hoje já não está mais entre a gente, mas ela sempre era convidada para ir com a gente. Ela ia junto comigo. Ou pra olhar os alunos, porque na época que eu entrei tinha, eu já tinha meninas, né? Já tinha meninas agrícolas, então é... ela ia muito. Então você via nos olhos deles, no comportamento deles, quando nós entrávamos em São Paulo e toda aquela movimentação, né, na marginal ou até chegarmos ali no Centro Cultural do Banco Brasil, fica ali na... pertinho ali dá 25 de março. Tudo era novidade para eles. Tudo era novidade, então eles não se afastavam da gente de medo, então o nosso redor, eu ia explicando para eles, né a exposição. Olha lembra que a gente viu e tal... Aí, fomos no MASP e eles fizeram oficinas no Masp, de obras de arte que lá tem né, o MASP tem esse programa, né? De oficinas e nós... eles participavam... foi muito bacana, mas é para eles, tudo era novidade. Alguns só tinham conhecimento de São Paulo, os de Santa Cruz, os de Ourinhos, né tal? Mas os demais, assim é... eu levei alunos até de terceiro ano até, né? Que nunca tinha conhecido São Paulo, então a gente levou. Já cheguei assim levar, bate volta, sabe? É na Bienal eu lembro que na 26ª bienal é... lotou tanto, tanto o ônibus que teve que dividir em duas turmas. Eu tive que ir num dia com a turma, voltar ... e voltar com outra turma; porque era tantos que queriam que... para eles São Paulo. É uma ... São Paulo, né? Então era uma coisa assim...

JZMP: Diferente, né?

CFTR: Pra eles ir pra São Paulo, pronto foi, já passeou pelo Brasil.

JZMP: É, e talvez para muitos, foi a única oportunidade que teve, né, Cleusa? De assistir, de ver uma exposição de Arte, de entender, de ver que aquilo que eles estavam trabalhando lá na fazenda tinha a ver com essa arte, não é?

CFTR: É numa metrópole, né? Você viu, não é só dentro da sala de aula, não é que eles viram e ouviram e assistiram por que... Eu tive, eu tenho; eu sempre levei para ver, algo para ver, sabe, algo concreto ou vídeo, ou assim, pranchetas com obras de arte, pra eles passarem, poderem manusear. Enfim, eu sempre procurei levar algo concreto em sala de aula, não só para eles ficar imaginando. Imaginando, é uma coisa muito longínqua né? Então para que estivesse em contato direto para depois eles produzirem os seus trabalhos. E então eles...era muito... Eu gostava muito de levar esse pessoal. Eu dava aula aqui na Etec de Ourinhos também e logo apareceu uma vaga na Etec aqui em Ourinhos e eu assumi as aulas e levei alunos de Ourinhos também toda a vida levei alunos, Ipaussu também, mas é o da Orlando Quagliato era especial. Especial, porque eles não conheciam. Poucos conheciam São Paulo, então eles... eles tinham um olhar atento, um ouvido atento, sabe? É... nós fomos na Pinacoteca do Estado de São Paulo, lá no São Paulo, antigo ali, né? E nossa, foi uma surpresa muito grande para eles, é de ver o antigo São Paulo, a praça da Sé, a igreja da Praça da Sé.... Nossa, eles ficaram encantados, porque igreja que tem características góticas que nós tínhamos visto em sala de aula, e eles puderam ver algumas. Ela é neoclássica, mas é, mas a gente encontrou de tudo e... olha lá.... pessoal... a senhora já falou disso aqui. E isso não tem preço, né? Não tinha preço porque é onde eles tiverem, aonde eles forem, é claro que se formaram todos eles, e muitos foram para diversos lugares diferentes, né? E lugares do país diferente e lugares também de empregos diferentes, né? Ou para sua própria fazenda, também com muitos, aproveitaram o curso para o próprio lugar onde ele morava? Fazenda, né? Ou sítio ou fazenda que eles tinham... Então isso aí é não tem preço, não tem, nem para mim e acho que nem para eles. E pra mim... para mim proporcionar isso pra eles foi muito gratificante e eles têm isso em

memória e pode reconhecer aonde forem, né? Eles podem estar reconhecendo características da questão arquitetônica, características da questão da pintura, né? Nossa, e outros, outras coisas mais, não é? E do que a gente conversava em sala de aula e eles contavam aonde que moravam, os hábitos e costumes... nós entramos em arte brasileira primeiro, entender o que tem nesse Brasil, que esse Brasil tem uma colcha de retalho, hábitos e costumes nós trabalhamos... e, eles tinham muitas histórias. Eu acho que eu aprendi mais com eles, porque eles moravam em lugares diferentes e eu levava para eles, assim, o hábito e o costume da região, né? O Brasil é dividido regionalmente e eles traziam.... como eram de outros, de vários lugares do país também, então eles também traziam pra sala de aula o que eles já vivenciavam, o que eles usavam, o que eles comiam, os hábitos que eles tinham, então eles contavam histórias para mim assim maravilhosas e acho que aprendi muito mais com eles. Aí nós fomos fazer... cada um foi fazer da sua região... nós fizemos trabalhos, uma exposição, trabalhos manuais criados por eles, ou de barro, ou de madeira, ou de massa, ou até mesmo de papel; enfim, criado tudo por eles da região deles, do Estado e até mesmo questão de região, as festas, né; as festas culturais, as festas populares, popular da região deles, né? Do São João.... São João foi muito maravilhoso. Eles criavam da forma como era mesmo, contavam as histórias. No fim, eu acabei aprendendo muito mais, né? É claro que a gente acrescenta, algo assim, né? Em termos de pintura, em termos de escultura, arquitetura, falamos dos artistas genuínos, artistas naipes, que temos bastante, aí pelo Brasil todo. E aí que eles foram entender o que é uma arte acadêmica, que é uma arte naipes, o que é uma arte popular... Enfim, desde música até mesmo na arquitetura. Então era... Era muito bacana. E depois eles chegavam em São Paulo, nós íamos visitar coisas que eles tinham na região deles. Várias... o Museu da Arte Africana no MASP. No Ibirapuera, nos deparamos, entramos nossa... Foi assim um choque de cultura. Eles falavam: Oh, professora.... o boi, o índio, sabe? As artes bem populares brasileiras, né? Que são de muita importância. Então eles... eles mesmos reconheciam e acrescentavam para gente, a gente apresentava qual artista que pintou tal quadro né? Di Cavalcanti, Portinari, que pintou o caipira, né? Até hoje eu sempre fui... fui pro lado e que nós aqui somos caipiras, nós da região nossa, o que somos cada região é, né? A caipara e que nós somos caipiras ... Não, professora, nós não somos caipiras! Aí eu fui explicar pra

eles, o que é ser caipira. Eles lembraram de Mazzaropi, então, como ele se caracterizava. Aí eu fui tentar desconectar isso na cabecinha deles. Não é dizer que é caipira, não é o que fala errado ou caipira é o que se comporta, anda igual ao jeca tatu... não é nada disso. É... é o lugar, não é? É o lugar de origem, é o genuíno, nascido ali naquele lugar, então tem hábitos e costumes. Então nós aqui, pelo menos aqui na nossa região, Ourinhos, Ipaussu, Santa Cruz... isso é uma região caipira, igual Minas e tal e enfim, mas é... a gente falava de tudo e ia para uma Bienal, onde tinha obras e assim você não tinha que ler, você tinha que participar dela e tirar o seu conteúdo, daquilo que você tem de conhecimento para você tirar a conclusão o que é que ela está te falando, né? Então eles viam as coisas penduradas... oh professor isso aqui até eu faço, né? Eu falava para eles: - Vamos ler, vamos fazer uma leitura aí dessa obra. Sim, nós vimos fusca pendurado cheio de tênis velho dentro que será, não é? E eles rodeavam e falavam: - professora, isso não é obra de arte. Eu falava: - É. Vamos, vamos agora, refletir e ver o contexto dessa obra, né? O que que ela quer dizer para você, para ele, para mim e a visão do artista, né? A gente lia, né? A gente via o caminhão cheio de tênis velho. O que seria? E tipo um pé só? O que seria? Carroceria de um caminhão. Ah professora, a gente vai esvaziar e vamos embora de caminhão (risos). Mas, enfim, a gente ficava ali discutindo. Era muito, muito, muito gratificante. Não tem preço a riqueza do conteúdo que eles trazem para a gente. É porque a gente vê: ai aquele aluno não é não se comporta: tá, tá, tá, e não sei o que, não sei o que mas ele tem uma história e o lugar de onde ele veio também tem outra história. Sua família também tem outra história, então você vai tendo contato, né? Se aproximando cada vez mais desse aluno e tendo contato com ele e no fim a gente vai conhecendo e aprendendo bastante com eles, né? A gente traz o acadêmico, né? O conhecimento é mais acadêmico e contextualiza com eles. Era muito bacana! Até campeonato de futebol eu organizei na escola.

JZMP: Olha só!

CFTR: Eu levei Ourinhos para jogar com Santa Cruz, depois levei Ipaussu para jogar com Santa Cruz. Entre as 3 cidades. A Amábile também foi junto. Fizemos essa integração. Tem fotos disso aí até hoje, deve estar por aí. Eu tenho bastante

fotos desses acontecimentos que nós fomos, e dentro de sala de aula também. Olha, é muito gratificante. E, depois eu vinha dar aula em Ourinhos. Ourinhos é um outro perfil, né? Alunos com outro perfil. Aí eu me adaptava com a questão técnica de Ourinhos. Com a questão de sala de aula de Artes em Ourinhos, porque aqui o pessoal era mais diferente, igual Ipaussu também era mais diferente, era diferente. Então, são 3 cidades com 3 escolas, mas com alunos diferentes, comportamentos diferentes, hábitos diferentes. É, então você tinha que aproveitar mesmo o conhecimento, porque são uma diversidade muito grande. Para cada escola, um contexto. Para cada escola eu preparava aulas diferentes. Eu tinha que me aproximar aqui da, de Ourinhos, porque tinha Eletrotécnica, aqui tinha Edificações, Mecânica e pronto. Aí ia pra Ipaussu que lá tinha muito mais Informática, não é? Era mais informática mesmo, né, Janice?

JZMP: Sim.

CFTR: Preparar uma arte para esses alunos e para escola agrícola, parte agrícola, com os alunos com os conhecimentos que eles tinham. Enfim, a gente era assim. Por isso que eu falo é... hoje aposentada, mas com uma bagagem muito grande de conhecimento, uma bagagem assim, eu tenho boas lembranças das 3 escolas. Eu trabalhei em Cabrália também. Um ano. Eu ia com a diretora. Nós íamos juntas. A diretora no mesmo dia. Ela voltava, então eu tinha 4 aulas lá, então era assim, sabe? Segunda-feira eu ia pra Orlando Quagliato, terça-feira em Ourinhos, quarta em Cabrália, quinta-feira em Ipaussu e, picadinho dando aula no estado também. Eu tinha Santa Cruz, Sinharinha e a Orlando Quagliato, aqui pertinho de Ourinhos, aqui em Canitar. Então eram... são crianças pequenas, mas os outros adolescente, adorava trabalhar com adolescente. O adolescente ele é assim: enquanto ele está ali no meio dele, que é o meio dele, né? Ele se apodera e ele tem maior segurança, né? Na escola dele, no grupo dele na escola dele. Mas se ele sai fora, quando ele vai para outra escola, quando conhece outras pessoas, quando conhece outros lugares, como eu falei de São Paulo, tal, ele... Ele fica na dele, ele não mexe com ninguém sabe, não é meio dele ali, ele não sente o eu sou mais eu! Ele se sente lá na escola dele, no grupo dele, aí sim, ele faz as suas traquinagens. Mas ele saiu fora, já não... Por isso que eu nunca tive problema com aluno, viajei durante esses

25 anos de Paula Souza. Fui e voltei várias vezes para São Paulo, viajei muito para São Paulo. Fomos até Minas, nas cidades históricas. Eu nunca tive problema com um adolescente, um nada, nada, nunca. Graças a Deus, nunca vi nenhum adolescente passar mal. Nada. Deus foi muito maravilhoso comigo. Eles ficam em volta da gente, ao redor da gente, eles não saem porque ali não é o lugar deles. Então, eles se sentem inseguros, e ficam perto da gente e não saem. E querem passear. Esses mesmos da agrícola, uma vez nós levamos ao shopping pertinho de uma exposição que nós estávamos. Tinha o Shopping Paulista, nós fomos no centro cultural do Banco Itaú, que fica ali na Paulista, né? Eles viram a Paulista ficaram enlouquecidos, né? E aí a gente foi numa exposição no centro cultural do Banco Itaú. Não lembro qual exposição, porque nós fomos em tantas... que eu não lembro qual que foi e, atravessando a Avenida Paulista, do outro lado, tem o shopping Paulista, né? Aí nós ousamos. Depois que nós fizemos nossa..., nós falamos pelo mesmo uma meia horinha, vamos levar eles pra comer um lanche e tal. Menina, para quê? Eles ficaram enlouquecidos! Nós vamos no shopping, nós vamos no shopping, nós vamos no shopping assim sabe... Nossa, entramos, marcamos um horário ali na porta tudo certinho, a Madalena ficou na porta e andei com uns. Mas eles andavam com a gente assim. Primeiro levei na praça de alimentação! Nossa Senhora! E o McDonald! Tinha gente que nunca tinha visto ou conhecido, só por propaganda! Foram pra fila, comer um MacDonal e tudo e tal. Eu fiquei ali do lado olhando tudo, mas você via a alegria nos olhos deles. Nossa, eles não iam dormir, tanto que na volta não dormiram e não deixaram ninguém dormir. Mas é. Ah, é tão bom, tão bom ver os alunos sabe! Ai professora, nunca fui no Mac, professora! Eles levaram o dinheiro para comprar, para ir no Mac, sabe, aquilo ali. Eu falei: Olha se der tempo, se der tempo de toda a programação que a professora tem com vocês, né? E se estiver tempo dentro do nosso horário previsto com os pais, né? Dentro da autorização, né? Porque todos foram com autorização dos pais. A dona Leni, né? A diretora, ela que fez todas as autorizações. Foram entregues, como eles são de longe, nós ligamos para os pais, sabe? Foi, foi uma coisa muito organizada, bem-organizada. Precisava. Hoje já acho que é difícil fazer essas coisas. Não sei. Eu acho que já é. Talvez, eu não sei. Mas também dá. Dá sim, bem-organizado dá pra fazer, mas é nossa, foi muito bem organizado. Seu

Valmir viu o ônibus, tudo combinado com seguro, tudo certinho e..., e eles irem no shopping comer MacDonald, comer um lanche.

JZMP: Ai que delícia. Ah! que gostoso proporcionar essa vivência para eles né Cleusa, porque muitos talvez não teriam a chance se não fosse pela escola, não é?

CFTR: Acredito que sim, olha, boa parte. Boa parte desses alunos, até mesmo de Ourinhos, sabia é eu tenho alunos que eu encontro até hoje assim... de Ourinhos e a facilidade de conhecer São Paulo é mais, é maior, né? Mas, até... até de Ourinhos a gente encontra pessoas. Oh, professora nunca que eu vou esquecer aquela viagem!

JZMP: A lá...

CFTR: Que eu vou esquecer a viagem que nós fomos para São Paulo! Mas, você já não conhecia São Paulo? Já, mas a viagem foi demais! Nunca sai, nunca foi daquele jeito, é porque as vezes vai ou vai com os pais, né? Mas fica com a moçada, com o professor ele, fica longe dos pais. Ai, que bom e tal! Mas, ao mesmo tempo, ele fica com medo porque ele não está no lugar que ele convive, né? Está no lugar totalmente diferente, então eu sabia, fizemos todas as recomendações possíveis em termos de segurança, né? Fica tudo bem, atentos, né? Todos, e a gente também com ele, e então eles nem precisou falar muito nada, nada, deixa eles não saíam de perto da gente.

JZMP: Ai, que legal!

CFTR: Por estou perto do professor estou seguro. Então é eles, achavam que... como eu sempre ia... Eu dificilmente é, Janice é. Eu participei de praticamente de todas as capacitações de Artes que o Centro, proporcionou. Aprendi muito. Muito, muito, muito, muito, muito. A Lucilia, nossa! Ela proporcionou coisas assim pra gente. A Silvinha também, mas proporcionou coisas pra gente assim maravilhosas. E de questão de acrescentar pra gente, pra gente depois repassar pro aluno. Muitas

vezes então, eu não perdia mesmo. Eu queria ir, porque pra conhecer mesmo e poder ter conteúdo. Mas, isso a maioria do pessoal de Arte não faltava, sabe, das capacitações! Dificilmente! Porque elas eram muito interessantes! Eles levavam coisas assim, que a gente não teria acesso se não fosse na Paula Souza!

JZMP: Aí, que gostoso, né? Eles sempre se preocupando mesmo com a capacitação docente que é muito importante, não é Cleusa?

CFTR: A gente tinha palestras com pessoas assim que a gente ficava assim vidrada. No conhecimento, assim puxa! Será que eu vou ter todo esse conhecimento um dia? Assim, pessoas, eles levavam pessoas assim, sabe? Muito, é de alto nível, mesmo em questão de... é referente a Arte! É... muitas assim, curadores de exposições e fomos, visitamos as exposições com as capacitadoras e, vimos de perto. Então o Centro Paula Souza deu todas as oportunidades possíveis para nós, professores de Arte na época. E conhecemos. Conhecemos o que nós não conhecíamos para poder trazer aos nossos alunos, aí a gente levava aos alunos. Então aí, né, porque... Passamos a participar... Muitos projetos fizemos no Centro Paula Souza. Como se faz um projeto? Aprendemos, é ... como elaborar um projeto, sabe? É projeto para aluno, projeto para a escola, então nossa, muito gratificante! Materiais acessíveis, sabe! A gente tinha muito acesso a materiais muito bacana mesmo! Nós tivemos curso da nova escola, né que fala! Nossa assim, maravilhoso, com materiais acessíveis que a gente usava em sala de aula. Então é. Eu não tenho absolutamente nada para falar em termos das capacitações. Eu cresci muito, muito dentro da sala de aula, com as capacitações e repassei para os meus alunos esses conhecimentos. Eu tenho certeza eu saí, ah, mas não é assim também, eu saí com o dever cumprido! Eu tenho consciência que eu saí com meu dever cumprido em termos de sala de aula. Mas eu tenho muito mais, muita saudade das capacitações do Centro Paula Souza, porque eram ótimas, excelentes! E a gente. e acabava assim: - a gente tinha que pegar o ônibus, sair correndo, correr para Barra Funda, pegar o ônibus, estava em cima da hora e tal. A gente tinha que sair assim que terminava. Dava 5 horas, assim que eles liberavam, a gente tinha que sair correndo; porque senão a gente ficava, ficava conversando, mas aí a gente perdia o ônibus, não dava. Tinha que dar aula! Esteja

onde estiver, tinha que dar, a gente dava aula, mas aí a gente já vinha com muito ânimo, com bastante coisa na cabeça, sabe? Nossa, dá para fazer isso, dá fazendo aquilo é nossa, eu vou chegar, eu vou falar, vou fazer. Olha, muitos projetos, eu elaborei e realizei com alunos foi com o que aprendi na Paula Souza, nas capacitações. Elas são válidas! É aí hoje, até hoje eu recebo e-mail aqui da Etec e tem o capacitador de Artes. Nossa! As coisas que ele proporciona! Ai, que vontade de ir e ficar lá no cantinho pra assistir as capacitações porque são coisas ótimas. Se bem que muitas são *online* agora, né? Falei, caramba, não posso participar, né? Mas é umas coisas excelentes, atuais, contemporânea, pós-contemporânea. É uma coisa que o aluno tem total acesso, que a mídia que é a tecnologia né! Nossa, eu estou no celular você está no computador. Então, você pensou que eu estivesse em sala de aula agora? Porque eu, já no finalzinho já usava muita tecnologia! Sala de aula, o celular para mim era um instrumento! É eles estarem fazendo essas pesquisas, visitando... a gente viajava o mundo com o celular, na sala de aula. E falando de arte nossa... visitamos um monte de lugares e agora nossa!

Vídeo dois (parte dois): 39 minutos e 59 segundos

CFTR: Agora deve ser mais ainda, deve ser... que agora tem aí o 3.0, não é? Então nossa, vai ser um....

JZMP: Vai evoluindo, né? E essa tecnologia, os professores sabendo utilizar em sala de aula tem a enriquecer muito, né?

CFTR: Nossa! Muito! Como é que fala essa tecnologia agora? É. Aí que você consegue fazer os movimentos com qualquer coisa, criar....

JZMP: Inteligência artificial?

CFTR: É nossa eu ia viajar legal como dizia a moçada: nossa professora, a senhora viaja legal. Quer dizer, tem que ousar gente, tem que ousar, tem que criar. Eu sempre falava pra eles: gente, leiam! Mas, eu dava muita leitura. Leituras de obras de Arte e leituras de livros também que falava da arte. Liam e depois a gente

transformava em teatro, muita linguagem, linguagem, muita linguagem. Nossa, eu trabalhava todas as manifestações em termos de arte. As minhas aulas nunca eram as mesmas, porque não dá pra ser a mesma de um ano para o outro. Então é eu... sabe... eu preparava... eu não entrava em sala de aula sem estar preparada, mas às vezes, dependendo como a sala estava, já mudava também. Já mudava, porque isso não vai dar certo hoje e vou deixar pra todo dia. E aí eu via como que a sala estava e dava continuidade no conteúdo, porém dentro da realidade deles. Então eu nunca de um ano para o outro, dava a mesma coisa, porque as notícias eram outras, a realidade era outra, a tecnologia já tinha avançado... É, tudo bem que a gente falava em história da arte até a contemporaneidade, depois da contemporaneidade, vem essa, essa tecnologia toda agora e a arte através da mídia. Então eram coisas que eles me ajudavam. Eu ajudava a criar e eles ajudavam a executar, então era muito bacana! E eu falo assim pro meu marido aí, se eu tivesse dentro da sala de aula agora, nossa senhora eu ficaria louca, porque as capacitações que eu acho que é Aderval (Durval de Campos Mantovaninni Jr.) uma coisa assim, e eu não o conheço, só vejo o nome. Ele manda muita capacitação para os professores de arte, né? São *online*, mas vale a pena. Ah! você vê o roteiro, você fica com água na boca, ah meu Deus, que delícia, né? Feliz dos professores de arte de agora, porque ela está em tudo, não é? Ela está na sua disciplina, ela está nos projetos da escola, ela está no projeto da área técnica, ela está em todo lugar: a arte, você consegue trabalhar, porque ela é uma linguagem. E então, se é uma linguagem, tanto professor como aluno, ele trabalha com facilidade dentro de uma área técnica. Porque hoje tem essas, agora coisa artificial essa tecnologia toda que está aí. Em termos de aparelhos, em termos de... os alunos, eles estão atualizados em termos dessa tecnologia. Muitas vezes a gente, professor, não é! E a gente aprende com ele. Eu aprendi muito com os alunos em termos de tecnologia, os meninos de informática, Nossa, eles me salvavam quando dava pane naquele computador lá, naquela caixona grandona. Nossa! Quantos notebooks, tudo eles salvavam a gente. Quantas vezes eu não fui pra aluno, não foi uma, foi muitas vezes aí. Professora, a senhora é..., tem um cabinho que põe assim desse tamanho, a senhora conecta o celular na caixa tá pronto, nossa, no outro dia eu já ia para procurar e comprar o que o menino falou pra mim, porque eu queria estar atualizada, saber usar!

JZMP: É, mas é a vivendo e aprendendo todo dia, né?

CFTR: É eu aí eu, olha gente, eu tenho. Eu tenho. Como é que vamos usar? Aprende pronto. Então, na verdade, eu muito mais aprendi, não, é? Claro, a gente aprendia junto, mas eles nada, muita coisa de informática. Um de, de de ter muito, muito, muito quente. Quando, você viu agora eu pensando para poder achar a sala?

JZMP: Ah, mas deu tudo certo! Que bom! É, deixa, deixa eu contar uma coisa para você aqui. O ano passado, quando nós estávamos, é levantando os materiais para o nosso centro de memória aqui da Etec Orlando Quagliato, eu me deparei com um instrumento chamado Pirografo. E esse pirografo estava com o seu nome pirografado na caixinha: Cleusa Romani. Você lembra desse instrumento, Cleusa?

CFTR: Lembro desse instrumento, eu comprei justamente para nós fazermos um trabalho com os alunos. E, nossa eu esqueci aí na escola eu procurei tanto esse pirografo! Eu procurei tanto, tanto. Quando a gente foi fazer aqui em Ourinhos, eu comecei a fazer sarau todo ano, mas tem todo tipo de arte. E aí eu precisava fazer um, escrever uma coisinha assim, o cantinho tal... eu vou fazer umas coisinhas de madeira e tal, e vou depois, eu vou escrever com pirografo! Menina. Mas eu procurei tanto, tanto, tanto, tanto esse pirografo e pensei, mas eu deixei em algum lugar. Não é possível! Ou eu dei pra alguém e passou, aí a escola providenciou, um pra mim, sabe? E olha que legal.

JZMP: E você chegou a utilizar esse pirografo aqui da escola agrícola?

CFTR: Sim, justamente nós fizemos é... como nós fizemos todo levantamento pra mim poder fazer o jardim, para poder os meninos trabalhar o jardim de frente da ETAE aí, que tem pingo de ouro tudo e tal, nós tivemos que... eu trabalhei Burle Marx com eles, um artista um dos maiores jardins brasileiros. Melhores jardins, inclusive eu acho que no meu tempo era ... tem alguma coisa de Burle Marx ele, nossa, era um arquiteto, e os jardins dele são famosíssimos pelo mundo inteiro, então nós trabalhamos Burle Marx. Então eles fizeram a planta, foi feito a planta, toda a questão da planta com o professor de... era o Agnaldo eu acho. Acho que

era o Agnaldo. Na aula dele, ele explicou tudinho como que fazia uma planta. Planta baixa que a gente tenha fala, é planta baixa, para depois suspender e depois fazer a maquete. Fazer a maquete daquele jardim, depois escolher as plantas que vão ser ornamentadas para aqueles jardins, tudo e aí, só assim, então a gente começar os trabalhos. Então foi bacana porque a gente trabalhou arquitetura nessa parte e vários arquitetos. Eu lembro bem dele. Eu lembro bem de Burle Max, porque nós... nós pegamos as plantas baixas das obras dele e contextualizamos com a nossa que nós fizemos lá pro Jardim da ETAE.

JZMP: Que legal!!

CFTR: Além deles conhecerem o artista e tal, e eles viram que tudo não é assim, pega e vai plantando. Não! Tem que fazer um projeto! E aí com a fizemos o projeto pro jardim da escola. A Leni nos deu maior apoio comprando as mudas dessas plantas. A APM nos ajudou bastante e as plantas de Burle Marx; as plantas baixas que a gente encontra nos livros, na mídia, os alunos reproduziram só que dando nome de outras plantas e de outras cores. E eles fizeram legenda do lado, o que era tudo certinho; então nós fizemos a exposição das plantas baixa de Burle Marx contextualizada e a planta do nosso jardim da escola e aí então, que no caso estava contando que eu levei daqui pingo de ouro daqui da minha casa, nós fizemos levantamento de qual flor daria certo com os professores da área técnica. Que ela não crescesse muito, que não expandisse muito! Nós não conhecíamos planta, então... aí fomos para o viveiro, fazer as mudas. Os pingo de ouro, eu comprei os saquinhos, e então fizemos aí na base de 500 mudas só com o galinho do pingo de ouro, aí das outras folhagens.... Aí eles fizeram os quadros de grama que eles nunca tinham feito, aprenderam fazer, plantar grama, tirar grama para depois replantar em outro lugar. Olha, foi assim... foi sensacional, foi muito bacana. Foi um momento assim.... É porque depois eu tinha 3 aulas, né? Aí mais tarde surgiu vários projetos, né? Na área... até na área cultural da escola. E aí, a Leni me chamou, conversou comigo. Ela falou que eu... para você ficar com mais e você já está aqui mesmo, fica o dia inteiro, né? Então você não...Só que depois eu passei a ficar duas noites, ficar a noite, ficar direto de manhã até às 9 horas, porque eu tinha projeto de teatro à noite. Eu já cheguei dormir de um dia para o outro na escola

agrícola, no alojamento de meninas, né? Então eu tinha um projeto cultural à noite, e eu tinha que dar aula em Ourinhos no outro dia. Então eu ia embora. Meu marido ia me buscar, então, olha só, eu pagava para dar aula. Ele ia me buscar esses 2 dias, só que ele me pegava em Santa Cruz, porque eu ia com o ônibus. Tinha um ônibus mais tarde que passava ali que vinha de Bauru. Eu pegava, então e ficava em Santa Cruz. Ele ia em Santa Cruz me pegar. Mas, é... enquanto isso, os alunos que tinham horários assim, diferenciais assim que não estavam, que já tinha feito as suas obrigações tudo, então a gente ficava ali fazendo, antecipando os nossos projetos, os nossos teatros. É, e aí fizemos várias vezes apresentações de dia cultural na escola, sabe? E com todas essas atividades, atividades técnicas, atividades do ensino médio, né? Era nossa! Eu vou contar, é muito, muito gratificante eu ia passar horas aqui te contando o que a gente aprontou nessa vida (risos).

JZMP: Não! Eu ia adorar ficar ouvindo porque é muita coisa bacana da gente ouvir. Né? Toda essa parte contextualizada para o aluno, como é importante isso, né Cleusa? Como é importante para o aluno, né?

CFTR: É!

JZMP: E você fazer essa adaptação do currículo dele, de acordo com o curso que ele desenvolvia, que ele estudava, né?

CFTR: O Centro sempre pediu isso, né? Em todas as capacitações, nós tínhamos sempre um bate-papo desse momento em de como levar isso pra área técnica, como trabalhar. Nossa eu trabalhei lá também, em Ipaussu também trabalhei com a área técnica, né? O ensino médio com turismo, com informática... em Ourinhos trabalhei muito também com a questão da Edificações porque arquitetura sabe é ETIM de Edificações. Então, é eu parti para uma área quando chegava a parte de arquitetura e dava para trabalhar tranquilamente você trabalhar os movimentos artísticos, falar da arte, eles entenderem o conteúdo, e você está ali trabalhando arquitetura com eles, sem eles perceberem, e depois eles percebem que é arquitetura, porque a gente dá água, mas não dá o peixe, né? Eles que vão pescar,

né? Então depois eles entendiam: Ah! então por isso que a senhora está dando isso? Exatamente! Isso é edificações! Vocês vão ter que ter a área, porque todo arquiteto, engenheiro, ele tem um lado artístico. Tem um lado artístico, e se ele não tem, ele tem que buscar porque a arte fala com a arquitetura, né? É um diálogo constante! Aliás, a arte é um diálogo constante com, na verdade, todas as áreas: Mecânica, TI bastante nossa! Contabilidade né? ... nossa...trabalhar com a questão da arte, enfermagem, então, não é difícil você buscar dentro da arte um fio, sabe? Um fiozinho para você conectar e, e com a área técnica, porque todas as áreas técnicas têm a arte. Haja visto aí a TI, né? Nossa! A capacidade que tem os aparelhos de criar, né? De inovar, de criar a arte, não é? Então, é, ah, é maravilhoso, é um mundo muito assim... E depois, o que te abre a cabeça, né? Você começa a pensar em mundo, você começa a pensar grande, sabe, aquilo ali. Por isso que eu não dava a mesma coisa de um ano para o outro. Porque o outro ano já era outra coisa, já tinha coisas novas né? Não para! É que nem a tecnologia você não vai dar a mesma coisa, né? Então a arte também é assim. Então, você pega um momento, são momentos. Dali, dá pra você pegar o acadêmico tudo, né? O que foi no passado, o início, né? Aí você dá a introdução para esse aluno, para depois ele viajar na arte contemporânea, pós-contemporânea, agora nem sei, estamos na pós ainda, mas... E criar que é legal. Ele passa a criar a arte, não só a arte... dentro do curso que ele está, ele cria, ele é capaz de fazer isso porque ele já tem uma mente bem aberta já, né? Ela já está trabalhada, né, com vocês? Antes com os profissionais da área ali, então isso tudo ajuda nossa. Eu nunca fui, sabe, Janice, assim de falar aí, eu não sei o que... aí professor da área técnica não tem nada a ver com o do ensino médio. Aí eu, quando eu ouvia essa frase, doía viu. Doía porque aí o que que eu vou dar, o que que eu vou falar... o que que o inglês, vai fazer? Gente! Dá! Ela entra em tudo, entra em tudo. Qualquer disciplina entra dentro da outra sim! Basta você ter um olhar diferente e pra isso você precisa de estímulo e incentivo.

JZMP: Sim.

CFTR: E isso a Paula Souza faz! As capacitações.... nossa, ela fazia capacitações assim. Sem contar que a gente ir para Congresso é de arte, de artistas, de

arquitetura. Olha, ela deu pra gente assim, um apanhado... um assim sabe, um leque bem grande de opções. E não tem como você não aplicar em sala de aula o que ela proporcionou. Não tem como o professor de arte falar que nunca deu nada que viu na capacitação, olha, é... é complicado (Risos). É nossa, tem... toda área se encaixa na outra. Tanto é que o currículo já é feito dessa forma, né? Não sei como está. Houve mudanças, eu sei que projeto vai voltar... mas de qualquer forma, tudo acontece é... dá para acontecer.

JZMP: É isso aí. É, e você e você trabalhou aqui na nossa escola. É mesmo Inter.... é mesmo com outras? Como é que fala? Não foi um tempo exclusivo da Etec Orlando Quagliato. Você entrou na Orlando Quagliato e você permaneceu na nossa até que ano, Cleusa? Você se recorda?

CFTR: Eu fiquei 5 anos na Orlando Quagliato. Eu fui entrar em Ipaussu em 97. Eu entrei em 95 na Orlando Quagliato e, em 97, eu entrei em Ipaussu.

JZMP: Então você ficou de 95 a 2000 aqui.

CFTR: Eu não sei o que... É isso. Eu fiquei! Eu peguei a princípio, eu peguei 6 aulas e a professora aposentou, eu acho. Era uma senhora gorda, grandona, acho que ela se aposentou. E depois, aí eu fiquei 12 anos em Ipaussu. Aí deixei Santa Cruz com uma dor no coração! Deixei...

JZMP: É. Ah, mas era aí a proximidade... sair da estrada, falou mais alto, né?

CFTR: Ah sim! A gente tem que pensar também na gente, na saúde, nessa questão, né? A Leni..., fiquei com muita dor no coração de deixar porque então era uma diretora, sim, sabe muito, muito compreensiva. Desempenhava sua função de forma democrática, tudo de forma democrática. E o que ela podia fazer pela gente, ela fazia, então quando eu falei que surgiram aulas em Ipaussu, porque aí eu tinha feito o concurso no Estado e passado no Estado. Em 95 eu já estava no Estado. E então aí ficava fácil de Ipaussu para a Orlando Quagliato aqui, a escola estadual, né? (a entrevistada se refere à uma escola estadual localizada no município de

Ourinhos, também chamada Orlando Quagliato). Então ela é metade do caminho. Aí falei com ela tudo, fiquei muito entristecida... ela também. Colegas maravilhosas. Nossa, colegas, assim... não dá para esquecer. Eu sempre encontro com... hoje eu sou ministra da eucaristia, encontro com Beleza. É Beleza, é. É Beleza que a gente fala?

JZMP: É Beleze, o Belo, né? A gente chama de Belo aqui.

CFTR: É, eu acho que ele é diácono!

JZMP: Diácono! Ele é diácono em Bernardino de Campos.

CFTR: Isso eles sempre vêm quando... tem aqui a arquidiocese, né? Então ele sempre está por aqui, e é muito bacana. E depois eu também sempre pegava, eu pegava carona para ir para Santa Cruz com o Reginaldo, ai tinha um outro professor de Geografia, o Reinaldo. Ele deve estar ainda aí, não é?

JZMP: O Professor Reinaldo, está conosco aqui.

CFTR: Tinha a... Como é que chamava a de matemática? Uma magrinha...

JZMP: Silvia!

CFTR: Silvia, Silvinha, é nossa! Ah... era muito legal. É. Tinha a..., a Janete não! Janete, não! A menina que dava Biologia aqui também dava Biologia aí, a Elizeth.

JZMP: Elizeth... Elizeth!

CFTR: Começou aí também.

JZMP: Sim.

CFTR: Começou aí depois eu a trouxe... eu era coordenadora aqui em Ourinhos no ensino médio e a gente a trouxe para cá também. Depois, ela foi para Ipaussu também! E olha, eu... eu acho que 97. No ano seguinte, é. Minha, era a Vera diretora, eu fui ser coordenadora do ensino médio, então aí aumentou pra mim, né? As aulas... foi... foi muito bom, fiquei mais, ficava mais tempo em Ipaussu. Quase o dia todo. Aí eu peguei aula também na ETEL. Trabalhei 5 anos na ETEL. Minha filha estudou lá e aí eu, em 2007 eu me afastei, né? Porque eu tive o câncer, e aí, de 2007, em agosto de 2007, eu assumi aqui na diretoria de ensino. A dirigente me convidou para ser coordenadora dos professores, né? Ali tem um núcleo de professores. Tem um professor representando cada disciplina, e aí ela e convidou para fazer parte ali. Aí, eu me afastei. Afastei de Ipaussu, deixei tudo, afastei do estado, e fiquei só na Etec aqui de Ourinhos, com 2 aulas. Porque tinha só 2 aulas mesmo, que era do Granja e ele precisou deixar, e se afastou para política. Então eu dava as 2 primeiras aulas aqui na Etec em Ourinhos, e 9h10 eu entrava na Secretaria da Educação, na diretoria. Isso foram 10 anos. Aí deu meu tempo ali no Estado... deu meu tempo no estado, aposentei e aí fiquei na Etec e a cada ano eu aumentava aula. E eu falava: - não, não, gente, eu vou parar, vou diminuir, vou ficar só com essas 15 mesmo, porque eu vou cuidar da minha mãe. Né? Minha mãe estava começando com Alzheimer e eu falava vou cuidar da minha mãe. Aí num ano eu falava isso, aí vinha o diretor. Eu tinha Sociologia e Filosofia também. Você não pega essa aula, de filosofia, do curso tal? Não, Manoel, eu não posso não. Mas você é a próxima da lista, e aí pegava mais uma; aí no outro ano pegava mais uma aula no período da tarde. Aí eu falei, gente, eu aposentei para cuidar da minha mãe e ficar com essas 15 aulas na Etec. Aí eu ia 3 dias, só pela manhã. Pegava projeto também, aí quando eu vi Janice, eu estava com 24 aulas. E aí Deus mandou outro bilhete para mim: - você não falou que ia cuidar da tua mãe? Aí eu saí de férias pra fazer uma cirurgia pequena. É isso aí, eu saí, não voltei mais. Aposentei por invalidez. Morro de saudade dos meus colegas, muita coisa dos meus alunos, tal, mas, não depende da gente, depende de Deus.

JZMP: Mas você deu a sua contribuição, Cleusa! E que contribuição!

CFTR: Não é... não é vangloriar, não é nada, ali na Etec, todos são excelentes profissionais como em Ipaussu, como em Santa Cruz, eu deparei com pessoas assim, olha, maravilhosas. Eu guardo todas no meu coração, da Etaa então, nossa! Sabe, até o Mário eu acho que ele deve estar vivo ainda.

JZMP: Mário está lá até hoje! Mário está cuidando da molecada ainda.

CFTR: Então e cuidava! Gente, como cuidava e a molecada obedecia a ele e aí se não obedecesse. Mas olha, era assim: ele tinha um diálogo com os alunos muito, muito bacana. Ele fazia um trabalho também de socialização muito bom. Até o senhorzinho do ônibus eu acho que esse já faleceu. Tinha o.... aí, como é que ele chamava? Um senhor negro!

JZMP: Seu Pedro?

CFTR: Pedro, está lá ainda?

JZMP: Aposentou.

CFTR: Aposentou! Nossa, gente é uma cara gente fina, gentil; nossa, o que ele podia fazer ele fazia por mim, nossa, levava até lá no Paloma, porque ele era motorista também. Agora eu não consigo lembrar o nome do senhorzinho. Acho que deve ser falecido porque ele já era de idade. Mas, os professores, funcionários, as cozinheiras. Nossa, olha: maravilhosas! Ai eu não tenho, não tenho. Só boas lembranças, só bons momentos só. Só cresci, cresci muito ali, cresci, cresci, cresci muito. Sabe por que tudo era novo para mim; tudo, era novo, mas eu aprendi muito com os meus colegas, muito muito com a área técnica... Até hoje, eu tenho umas receitas de coisas do ... ai como é que chamava aquele menino... é Petri? Não, não lembro! Os meninos ficavam lá na sala para fazer os queijos! Eles tinham um laboratório onde eles faziam os queijos, então eu ia lá, eu ficava conversando com eles. Eu aprendi muita coisa com eles. E depois tem a parte dos embutidos, que eles passavam a madrugada, né? Tem que passar a noite e madrugada, por conta dos embutidos, né? Aprendi com eles também. Muita coisa. Eu ia lá, ficava

conversando com ele. Olha, eu tenho saudades. Saudades, eu tenho muito, mas, eu nem reclamava. Puxa, na segunda-feira é que tinha que pegar o ônibus às 6 horas. Nossa, eu tenho que ir para Etae e pegar o ônibus. Foram durante muito tempo, depois que começou a circular, aí foi beleza nossa, foi fácil para ir e voltar, né? Eu ia de ônibus até a cidade e pegava circular 3 horas pra ir embora. E eu tinha mais os projetos. Nem quando eu tinha que pegar o ônibus para Bauru, escurinho, sabe, noitinha... meu marido levava, deixava a minha filha dormindo, ele me levava até na rodoviária toda segunda-feira. Nunca reclamei porque eu sabia que eu estava aprendendo. Estava começando, estava aprendendo, aquilo tudo era novo e que aquilo ali ia fazer muita importância na minha vida! Eu aproveitei muita coisa que aprendi aí nessa escola, nas outras, muitas, muitas foram as oportunidades. E eu topava ir pra Ipaussu e tal, o quanto era duro, mas, porém, era prazeroso fazer! Era prazeroso, porque aqueles meninos também faziam uma vida dura, saiam das cidades deles bem longe do Pará, nossa e nas férias viajavam, ficavam contando os dias dentro das férias para ir para casa. E quando terminava o ano que eles tinham 30 dias de férias em janeiro, nossa! Eles iam para casa e depois voltavam! Ai, professora, não via a hora de começar as aulas, não via a hora de começar as aulas. Tô com saudades! Ficavam com saudades da escola, não é? Dos professores da escola, eles eram muito... como os pais não eram tão presente por eles serem de outros lugares, então a gente fazia também o papel de pai, de mãe, sabe? Ali em questão de orientação, eu via os professores da área técnica davam muita atenção e orientava muito eles. É, então ali eles recebiam da direção, eles recebiam orientações até das cozinheiras. Eles recebiam orientações, então eles eram muito bem assistidos! A escola proporcionava isso! Eu acho que todas Etaes devem proporcionar. E, também as escolas também, da cidade, eu acho que ela tem esse papel também de assistir o aluno, principalmente hoje, que são momentos difíceis, momentos de insegurança, momentos de uma série de coisa, são incógnitas para eles, muita coisa ainda, né! Eles estão em formação, então aí é onde entra também, além dos pais, claro, o papel da escola de construir com eles um currículo, né? Mas é, eu sei porque a minha cunhada Verinha, ela sempre está contando e como ela é psicóloga, então ela pega um pouco, ela está sempre dando as seções dela lá na escola, conversando com aluno. Deixa que ele reconheça, o que é feito para ele, é isso é muito bacana. São coisas assim: que não está prevista

em currículo, que não está previsto em legislação, que não está previsto... Tem coisa sim que está previsto em legislação, mas que as Etes e Etaes, elas têm uma coisa diferente, não é? Ela tem essa liberdade com o aluno de estar intervindo e ajudando o aluno e ele passa a confiar no professor, na escola, e isso é muito, muito bacana. Isso é a liberdade que é Paula Souza dá aos professores de estar trabalhando o conteúdo com esse aluno, porém, ao mesmo tempo, ajudando ele também, nas questões do dia a dia, né, além dos pais, claro, são de suma importância.

JZMP: Que delícia, que delícia ouvir você contar toda essa sua vivência, essa sua história de vida muito bacana mesmo, viu Cleusa! É... você contou de tantos momentos bacanas! Teve alguma dificuldade que você enfrentou enquanto professora da Etec, aqui de Santa Cruz.

CFTR: Nenhuma, pelo contrário, muitas saudades. Nunca encontrei dificuldades nem com professores, nem com colegas, ah eu adorava o pessoal! A direção, nem mesmo a Marlene que falava brava, é nada eu ia lá na biblioteca conversar com ela. Muitas foram as nossas conversas.... Nenhuma, só saudades!

JZMP: (risos) Que gostoso! Tem mais alguma outra alegria ou alguma outra história que você queira compartilhar?

CFTR: Ah eu acho que acho que foi isso da Etae! Quando em 2007 eu tive meu primeiro câncer, nossa, o pessoal daí foi tão solícito comigo! Eu não trabalhava mais aí, mas, vieram me visitar, sabe, aqui em Ourinhos! A Leni diretora, com toda disposição, cartinhas de alunos, sabe! Assim eu recebi cartinhas, eles já estavam no terceiro ano, eu comecei com eles no primeiro! Cartinhas, estavam me trazendo um outro estava fazendo nossa! Porque eu tinha amizade com os alunos desde o primeiro, no segundo, no terceiro, porque ali não tem como você não ter, né? Porque você não vê, você sai lá fora, você não vê quem é primeiro, quem é do segundo, quem é do terceiro, eles são. Ah, eles são tão bacanas, com a gente, educados, né? Tem de todo jeito, tem aquele brincalhão, tem aquele que gosta de fazer uma gracinha. Tem tudo isso, né? Mas você não vai fazer daquilo uma coisa

pra te chatear, né? Não é? Nós não estamos ali para isso e nossa foi, foi muito bacana! Eu gostaria de um dia... deve estar bem diferente, de um dia voltar para ver como é que está a escola.

Vídeo três (parte final): 36 minutos e 33 segundos

CFTR: Eu fui depois. Sempre tinha feijoada, né? Todo ano tinha feijoada.

JZMP: Sim.

CFTR: Eu não perdia as feijoadas. Aí, depois que eu saí, né? E aí acho que durante uns 3 ou 4 anos assim eu ia na feijoada. Era muito bacana, era uma festa. Aí depois não sei por quantas, das quantas é o tempo né? Corrido! Aí eu já peguei aula lá em Ourinhos. Fiquei só em Ourinhos mesmo, na diretoria de ensino, aí parei de ir na feijoada, nem sei se tem ainda. Tem?

JZMP: Então nós tivemos até antes da pandemia. Depois que teve a pandemia não retornamos mais com a feijoada. Até acho que um ano antes da pandemia nós tivemos, mas não fez mais um almoço como era antigamente, né? Eles fizeram para retirar a feijoada, mas foi feito todo o processo lá.

CFTR: Nossa, mas olha, mas feijoada que a gente comia lá ah, era feijoada mesmo, sabe? Aqueles meninos ficavam a noite inteira curtindo, as coisas, para pôr na feijoada.

JZMP: É?

CFTR: Gente, que coisa linda o processo! Sabe as cozinheiras é cada um com sua parte, sabe, professor com uma, aluno com outra, cozinheiras, tudo bem dividido e vai nós ornamentar a escola com as bandeirinhas. Aproveitava, eu fazia as exposições dos trabalhos dos alunos que foi feito naquele ano, nossa, os pais entravam assim, os que vinham de longe, estava tudo nas paredes assim no

corredor pra gente fazer... a Leni mandou fazer painéis assim, né? Então nós fazíamos exposições. Ah, que alegria os pais verem os trabalhos dos seus filhos e nas áreas técnicas também, né? Eles faziam e tinha muita coisa que era assim, é arquitetônico, é tridimensional, né? Trabalhos tridimensional na área técnica. Então a gente fazia tudo junto, tanto a área técnica como ensino médio nossa, mas era uma festa e bandeirinha para cá, bandeirinha para lá! A gente deixava a escola muito bonita e no dia, a gente nossa, os tambores grandão assim, as panelas enormes. Hoje a Neuzinha está aqui em Ourinhos, né? Trabalhou lá, o Deoclides já aposentou, que ele estava na secretaria... e, ah era muito bom!

JZMP: Ai, Cleusinha! (risos)

CFTR: A dona Leni toda vez que vinha coisas da capacitação de artes nossa, toda vez ela pegava o papel já dava na minha mão e falava: Cleusa verifica direitinho se você vai! A gente, eu já deixava as atividades para os alunos tudo certinho, e eu ia. Aí uma vez ela me perguntou se eu gostava de ir. Eu falei pra ela que eu gostava e eu aproveitava. Ela falava, eu vejo, nossa uma movimentação na sua aula tremenda aí, às vezes eu pensava, poxa vida, eu saindo de uma escola agrícola onde os recursos não são tão grandes, né? Não são tão grandes. A gente faz tudo na medida do possível e vou para São Paulo, na metrópole ouvi falar de arte, por pessoas conceituadas, claro, né? O Centro sempre proporcionou isso pra gente. Depois eu volto pra escola agrícola, que é uma coisa pequena, fica atrás de um posto, um restaurante, uma vida oposta, mas, eu colocava ali na sala de aula, assim, reduzindo, para a realidade da escola. E tinha como fazer isso! Eu ficava impressionada porque ao se conversar, com um ou outro colega outro aí, como que eu vou fazer? Tinha como fazer, Janice. É claro, não com a dimensão daquilo que a gente via lá em São Paulo, mas lá eles não davam tamanho nem proporção pra gente. Então, o que eles davam era só o conhecimento, e o resto é com você, não é?

JZMP: É, eles desencadeavam o gatilho! E aí, você seguia.

CFTR: É, e nós professores tínhamos que fazer. Eu tinha uma colega, viajei com ela muitos anos, a Marta era de Andradina também dava aula numa, numa Etae. Então a gente trocava, trocava, trocava, trocava ideia, projeto junto, projeto junto e ela tinha uma criatividade imensa! Sempre, sempre juntas nós duas. Uma vez nós demos um curso de folclore, também na Paula Souza. Eu tenho uma formação em folclore né, então eu... e gosto da arte brasileira, nossa, sou apaixonada pela arte brasileira, e nossa, a gente trocava ideia, e a gente vinha conversando, vinha conversando no ônibus. Depois, acho, ela chegava no Paloma, ela pegava um outro, o dela era 8 horas de viagem, o meu era 5 horas de viagem. Ela viajava 8 horas pra ir, e não perdia uma capacitação também. Foram várias que não perdia nenhum, porque eram muito boas. As de arte eram muito boas. E aí a gente, sabe? Contava, trocava ideia, né? Viajando, viajando e pegava ônibus pra ir pra Paula Souza, e você tem tal coisa? Eu fiz assim! Que legal! Eu já vou dar uma enxugada no meu, vou fazer sabe? Não tem como! A gente trocava figurinha com uma e com outra nos intervalos. Olha, eu estou fazendo desse jeito, adaptado, tudo adaptado, mas que dava, dava pra fazer. Isso, dava! E a gente se surpreendia com o resultado e se surpreendia com a gente mesmo. E isso não tem preço, porque conhecimento né! É o teu currículo, não é? Então, o ponto era bom porque marcava ponto, claro, né? Pontuação, capacitação, não é? Nossa tinha cursos com bastante pontos. Tudo bem, eu ia, é lógico que eu dava importância a isso, mas também, acho que eu dava mais importância do que saía da sala de aula, sabe? Eu conseguia. Eu fiz de uma tal maneira e, depois tinha que expor na outra capacitação. Sempre eles estavam pegando um ou 2 ou 3 tá falar, né? Como é que foi a experiência e tal? Ai a gente queria falar! Eu e ela queria falar! A gente queria falar! (risos) Eles sempre já olhavam para mim, a Lucilia sempre já olhava para mim. Cleusa, o que você fez, o que que você conta pra gente? Aí foi assim, todo empolgado! Ali tinha gente que tinha feito coisas muito melhores. Depois você vai ouvindo, nossa! O meu não é nada perto que essa fez! Mas era legal que a gente tirava as ideias também das colegas, sabe?

JZMP: Hã, rã?

CFTR: E se você não tinha atingido ainda aquele conteúdo, quando você chegava naquele conteúdo, você já reformulava o seu porquê, né, com a experiência do colega e da colega. Nossa muito bacana. E tinha mais ou menos as áreas técnicas! Que nem, eu passei por quase todas as áreas técnicas, de agrícola até TI, então a gente vai passando e vai aprendendo. E elas também passaram por áreas técnicas. E manda dica! Então, e quando tinha projeto junto, era muito bacana. A gente fazia uma parte, o outro outra parte, quando uma não fazia todas as partes, não é? Era muito corrido, era uma vida muito louca. Por isso eu cuido da minha mãe hoje com máximo que eu posso, porque o que ela me ajudou! Se não fosse minha mãe ficar com minha filha e outras coisas mais, eu não teria tanta liberdade para estar indo em capacitação, para estar participando de cursos, para estar participando de projetos... então eu devo muito também. Eu não posso esquecer jamais da minha mãe. Me ajudou muito! Ela e meu marido. Meu marido levava a filha para escola, para o balé. Sobrava para ele levar na vó, porque eu não estava aqui, então ela ficava. Cada um fazia um pouco e assim vai. A gente não vê filho crescer, não é? A gente, não vê! A hora que percebe, já vai fazer 33 anos.

JZMP: Já tá uma mulher formada com a vida dela, né? Independente... isso que é importante, não é?

CFTR: Já viajou. Já viajou o mundo, aí já! Graças de Deus. Está numa empresa a qual é respeitada, enfim, tudo que a gente tentou passar para os alunos, a gente, tudo que a gente faz para os filhos, a gente faz para os alunos também, porque você acaba fazendo aquela parte de mãe. O que você não quer para teu filho, você não quer para o teu aluno também, né? Então é, a gente tem que pensar dessa forma, né? Que eu não quero pro meu aluno que, né, eu vou falar duas línguas? Vou falar, tem uma coisa na escola e outra lá em casa? Não, né? A gente tem, o aluno pede um conselho, a gente faz aí uma pausa, e o que eu faria ou falaria para minha filha é o que eu falo para o aluno. Então, isso é muito gratificante! A gente vive muita experiência! Depois a gente vê o pai contar, a mãe contar sabe? Você encontra com pai de aluno, nossa enche ali! Fez universidade e tal tudo. Hoje ele é juiz. Hoje ele é não sei o que, nossa, isso dá uma alegria tão grande!

JZMP: Não tem preço (risos).

CFTR: Nossa, eu... eu saber que, claro ele passou por muitos professores e nossa todos eles foram importantes, por isso que eu falo aqui. Há um diferencial do professor do Centro Paula Souza. Existe um diferencial porque ele participa mais da vida do aluno. E aí saber que você, ah, tem lá uma gotinha! Uma pontinha assim tal, isso faz a gente ficar tão bem!

JZMP: Faz!

CFTR: A gente ganha o dia! A gente fica tão feliz! Eu mesmo fico muito feliz. Quando eu saí, me afastei da Etec aqui os alunos queriam fazer homenagem, eu não fui porque eu não estava bem, ah, só de saber, a gente fica tão feliz, né? E depois na colação de grau também, mas eu não fui também, não estava bem, mas aí a gente encontra por aí aos alunos! Esses dias eu ia entrando numa loja de coisas naturais, pra comprar aveia, essas coisas que eu faço uso dessas coisas naturais. Aí a menina, que estava no balcão atendendo, ela falou: - a senhora foi minha professora de artes no colégio técnico! Ah é? Como você se chama? - É Natália! - Ah, é o nome da minha filha. - A gente queria ter feito a homenagem para a senhora. A senhora não pode ir. Eu sabia que não estava bem! - Ah você é da turma daquele ano e tal? - Nós somos. Nós entendemos por que que a senhora não foi! Nós entendemos perfeitamente! Olha, eu despenquei a chorar! A menina tem que arrumar um copo de água para mim!

JZMP: Acalenta o coração, né, Cleusa? Isso é muito gratificante, né? É você falou. A gente fez um pontinho, fez um pouquinho, mas você com certeza modificou a vida de muita gente.

CFTR: É porque Artes, né? Mas, eu sempre tento dentro da minha disciplina, Janice, eu sempre tentei fazer com que eles se importassem com ela. Porque ela é importante, como todas as outras, não por é... sabe por inclinação. Ou sabe, não porque é a leitura do dia a dia, é a Arte. Sempre sabe o que acontece hoje e amanhã eu posso aproveitar na minha, com arte e com o conteúdo que eu estou

dando mesmo conteúdo. Então... e abrir a cabeça desse aluno, ó, por que que você tem que estudar? Por isso, por isso, por isso! A arte, não é importante? É importante sim! Literatura é importante? É muito importante! Inglês, tal, matemática tudo é importante! Tudo o que está dentro do currículo tem a sua importância, porque você vai precisar dele lá na frente. Ele não está pensando no agora. É vestibular, é ENEM, é Vestibulinho, entendeu? É atualidade, hoje o mundo vive de atualidade e não tem mais, né? Já que li o Bourlie até outros livros. É um livro importante. Claro que ele complementa, né? É uma complementação, mas o seu olhar é que vai te fazer profissional, de você estar olhando para uma coisa daquilo ali e já está transformando, já está chegando pertinho de você. Esse pé chegar pertinho de você que você olhou e teve um olhar diferente é que vai te fazer profissional. O que vai fazer de você diferente do outro? Por que que você chegou, onde chegou, e o outro não chegou. É olhar, né? E o olhar é arte! É o despertar, né? Da interpretação! Como que você interpreta uma frase? É no olhar! É no coração! Pela sua sensibilidade, não é? E a arte é o conjunto de tudo isso. É o olhar! É um olhar aguçado! É um olhar crítico, não é? É um olhar! Nossa, eu li, mas não interpretei! Aí lê de novo! Você lê e vê outras coisas dentro de uma frase, tem um monte de coisa, então esse é seu olhar! Dali, você vai tirar as suas ideias, o seu profissionalismo, a sua vida praticamente. Então por isso que é importante a literatura, importante a gramática, importante todas as disciplinas, o inglês, todas as áreas técnicas, por quê? Porque você vai levar esse olhar para as aulas técnicas, você vai falar olha lá no meu emprego, onde eu trabalho eu estava querendo fazer isso. E ele começa a criar e criar olhar. É leitura, leitura dos olhos. Então, a gente precisa ter esse olhar diferente, né? Então eu tentava fazer isso! É a importância da disciplina, né? Além dos conhecimentos que você tem que ter, de você ver um quadro e reconhecer, de você ver uma arquitetura e você reconhecer, de você ver uma construção e você vê, olha professora neoclássica, por quê? Ah, porque tem gótico porque tem características gregas, têm características romanas. Tudo que tem num lugar só, e ela se torna clássica, então esse é o olhar, ele vai reconhecer uma coisa pequena qualquer de TI ele vai ver, ele vai poder. Hã? Não, eu vou recriar, eu vou pra cima disso aqui. Eu crio outra coisa, então o fato dele, porque a arte já existe, então ele cria outra coisa, ele recria. Mas essa recriação foi olhar dele o olhar dele. Se ele não olhar com essa profundidade, ele não consegue

criar. Né? Então, por isso que é importante ler, interpretar... se você lê, interpreta, está pronto. O trabalho está pronto. Ele consegue fazer um vestibular. Ele consegue fazer um vestibulinho, um ENEM, porque leu e interpretou, ele consegue fazer, né? Essa coisa de tudo pronto, tá pronto, pronto, então ele não pensa! Tem que fazer pensar. Eu tinha isso, mas aí, sabe? Aí foi indo, foi indo, eles foram vendo o quanto a disciplina era importante, para despertar tudo isso, sabe? E as outras também, todas são importantes, né? Se está no currículo é porque são importantes. Eu tenho isso comigo, senão, não estaria no currículo. Ah, tanto tempo que estou longe da sala de aula, não tenho ouvido muita coisa ainda. Sabe que às vezes eu tenho vontade. Eu tenho aí os meus livros pra ler e tal, cabeceira ligado à arte, eu não desliguei da área, mas a gente, vai ler o livro e o conteúdo já está lá na sua cabeça.

JZMP: É isso, mesmo!

CFTR: O olhar, o olhar!

JZMP: O olhar com toda a sensibilidade que a arte proporciona, não é?

CFTR: E olha, eu vou te falar, todas as disciplinas proporciona esse olhar. Todas! Basta o aluno sabe? Abrir o olho para isso! Toda disciplina, tudo que ele ouve de um professor, é um despertar, é um despertar de um olhar! Se ele interpretar aquilo que o professor está falando, pronto, ele deslança. O problema é que eles, às vezes não prestam atenção, às vezes estão viajando! Então... ao passo que tem outros alunos que não perde tempo, que vai para frente. E são esses aí com um olhar diferente, mas tem uns que ainda está... Não despertou ainda! Não deu aquele tique ainda! Mas a gente acredita que vai! Mais todas as disciplinas despertam um olhar diferente. Não precisa, ter a arte! Eu acredito em toda, porque todas têm uma linguagem, né? Se todas têm a linguagem, então tem a interpretação. Tem a contextualização dentro dela, não é? É... até o terceiro ano eu acho que eles conseguem ver isso. Não sei, eu acredito que é amadurecimento, né?

JZMP: Sim.

CFTR: Então é isso, eles vão despertando! Olha, se deixar.... é que eu tenho missa, senão.... (risos)

JZMP: (risos) Olha Cleusa, agradeço muito a sua disposição, mas muito mesmo, sabe? Foi muito... Foi assim delicioso ouvir a sua história de vida, a sua fala... contando as suas experiências, das suas vivências, não é? Foi muito bom passar esse momento aqui com você, não é? Então, assim... muita gratidão por você deixar seus afazeres, seus compromissos, não é? E se dedicar um pouquinho aqui nessa entrevista, nesse projeto.

CFTR: É um prazer muito grande, muito grande mesmo. Eu amo aqui, essas escolas pelas quais eu passei. E nossa eu fiquei 12 anos em Ipaussu, a escola em si, fisicamente é linda, maravilhosa. Tive, deixei muitos colegas queridos, entre eles e você, queridíssimos mesmo. Eu admirava, eu tinha um outro olhar! Sabe, as crises que a gente passou, para mim não fazia sentido nenhum. Mas para outros faziam, né? Fazer o quê? Eu nunca fui de questões políticas, então eu sou mais pelo sentimentalismo mesmo. É, mas Ipaussu marcou muito, marcou muito minha vida também, porque eu passei muito tempo e eu ia de manhã e só vinha embora a noite, então eu... eu me doava pra escola. Eu gostava muito da escola em si. A parte física, a parte dos professores. É... tudo que dava certo ali era muito legal, não é? A... as outras coisas, sei lá, é melhor nem lembrar! Porque não faz bem pra gente nem pra ninguém!

JZMP: Sim, tudo serviu como um aprendizado, Cleusa! Tudo serviu como um aprendizado! O que foi bom, a gente aproveitou pra vida, né? E o que não foi, ficou para trás.

CFTR: É exatamente. E, eu descartei tudo o que foi desnecessário na minha vida, eu descartei tudo e hoje tenho uma boa amizade com a pessoa, tudo e quero continuar tendo, né? Com todos e, o que vale é isso! É a amizade, né? É o coleguismo. É saber que ... puxa, hoje eu vi tal pessoa fazia tempo que eu não via!

Eu falei pra você. O dia que eu vi a Bia Cortela, que há muitos anos eu não via, eu chorei! Eu estava na igreja, eu chorei de alegria de ver ela. Ela está bem, do mesmíssimo jeito! Acho que nenhuma ruga a mais. Do mesmo jeito! Fiquei feliz de ver ela de longe! Eu falei, não acredito!! Aquilo assim, sabe, me bateu o coração e falei, eu vou lá cumprimentar ela porque é digno de cumprimentar! Mais linda no coral; olha eu fiquei feliz da vida, feliz da vida de ver ela. Nem tocamos no assunto de nada. Ela toda feliz também por estar no coral. Mas eu fiquei muito feliz! Eu chorei de felicidade porque, puxa Deus. Obrigada! Valeu o dia. Então, cada vez que eu vejo alguém; que nem eu vi você na missa, eu estava lá no altar, lá em cima servindo, quando eu vi você e seu marido, eu falei, é a Janice. Aí duvidei, ah não é não. Mas aí eu vi o Homell... e falei, é sim. Assim que terminar a missa eu vou até lá. Mas eu fiquei tão feliz, tão feliz de ver vocês! Nossa, é a mesma coisa quando eu vejo o Marcelo e a Juliana que eles sempre vão na missa, eles nunca deixam de ir lá me cumprimentar, porque eles são uma gracinha também. Eles dois, aliás, todos aqui. É difícil você falar! Pessoas que você vê e depois você nem se lembra se aconteceu alguma coisa ou não. Você quer saber de cumprimentar! Oi, tudo bem? De saber que a pessoa está bem, não é? É por isso que eu falei da Bia Cortela! Ela estava do mesmo jeito, então eu fiquei feliz de ver ela bem, super bem, sabe? Então não me importei se houve se não houve, nem pensei nessa questão. Hoje a gente pensa é, é ciclos, né? É... são ciclos da vida, é dividido em ciclos.

JZMP: Sim.

CFTR: É, e nós vivemos um, e agora hoje..., hoje eu vivo outro, é completamente diferente, muito mais amadurecida e hoje a gente não tem tempo pra essas coisas mais, para esses acontecidos, esses atritos. Hoje é mais a gente ali eu acho. Eu não sei, a pessoa, não sei, é, mas eu mesmo gostava de participar. Eu acho tudo que eu fiz, fez muito mal para mim, e foi eu fiquei triste. Depois, em 2007, veio um aviso, né? E depois agora, 2017, final de 2017 outro aviso. E aí eu tirei tudo essas coisas. Tirei tudo da minha cabeça, e hoje eu vivo um dia de cada vez. Levanto e falo, Senhor, eis-me aqui! O que o Senhor, tem para mim hoje? A gente não sabe!

JZMP: É!

CFTR: Então, não tem essa de ficar....

JZMP: A, não.

CFTR: E é bom, né? É tão bom você falar, olha, o que o Senhor tem para mim hoje? E vai dando, as coisas vão acontecendo naturalmente normalmente, e também eu sou... Era super ansiosa, sabe? Queria que as coisas dessem certo. Fosse certo que fosse que as coisas não acontecessem e tal, sempre muito preocupada, tudo com tudo e desse certinho, nas aulas, nos eventos e... hoje não! Não deu tempo pra fazer hoje, eu faço amanhã. Porque o quê, né? E é lógico que a gente não vai deixar a responsabilidade! Tem coisas que tem que acontecer naquele dia, por questões de responsabilidade, né?

JZMP: Sim.

CFTR: As corriqueiras, né? Eu não fico mais aflita. Sabe, eu ficava muito aflita hoje? Na verdade, eu tinha medo. Essa é a questão, não é? Você sabe muito bem! Eu morria de medo! Porque não era para mim, não era de mim, né? Não era... eu estava ali por... pelas questões financeiras mesmo, né? As questões financeiras e a responsabilidade de ser coordenadora. Então, era isso. A escola que vinha em primeiro lugar pra mim, mas hoje, hoje não! Que nem eu falei pra você, eu acho que eu cumpri a minha parte. Faria mais, faria mais, mas, deu aí um outro ciclo, então eu estou me dedicando a outras coisas.

JZMP: Outra fase né Cleuzinha? Outra fase!

CFTR: Muito boa para mim e cuidando da minha mãe, que é que fez tudo para mim. Estou tentando retribuir um pouquinho do que ela fez. Tudo não há condições. Teria que viver 100 anos pra isso! Mas, foi muito bom, muito bom mesmo.

JZMP: É, isso foi muito bom mesmo.

CFTR: Fica pra outra, haverá outras, com certeza!

JZMP: Com certeza! Cleusa, fica com Deus tudo de bom para você e a gente se vê em breve e aí eu entro em contato contigo pra gente proceder com os trâmites aí de autorizações e tudo mais.

CFTR: Fica tranquila, eu tenho... o que eu tenho para te dizer, que desculpa aí os momentos que não deu para nós fazermos, estar sempre adiando, e às vezes eu fiquei muito preocupada e que dê tudo certo, o teu trabalho porque profissional de excelência, você é; todo mundo sabe! Que tudo dê certo no teu trabalho, que venham outros trabalhos maravilhosos como esse pra realizar. Você é de uma competência; eu sempre te admirei, sempre admirei o pessoal de Santa Cruz, amo o pessoal de Santa Cruz, morro de saudade da Raquel, do Carlos... mas um dia a gente vai se cruzar.

JZMP: Vamos! Nós vamos combinar de você vir pra cá ainda, ou a gente ir prá aí encontrar com você.

CFTR: Parabéns para esse trabalho maravilhoso que você está fazendo. Parabéns, mesmo! Porque é digno de você pela excelente profissional que você é. Isso não é demagogia não. Eu sempre achei; você, a Raquel, o Carlos brincalhão, mas na hora de pegar duro, ele pega. Um cara humano para caramba, a gente brigava com ele, mas ele era. Ele é o cara.

JZMP: É o jeito dele! É o jeito Carlos de ser!

CFTR: Pra mim nossa! Os dois Eder! O Eder está bem? O que é ATD, não ATD não...

JZMP: Diretor de serviços?

CFTR: Ele continua como diretor de serviços?

JZMP: Continua lá em Ipaussu.

CFTR: Ah então, ele está bem, né?

JZMP: Sim.

CFTR: Que bom! Que ótimo! O Éder Pazini, eu sempre... eu o vi uma vez, eu vou no mesmo psiquiatra que acho que ele vai, o Marcelo. E eu o encontrei. Ele ia saindo e eu ia entrando! Foi outro encontro bacana, ele é bacana, sarrista, né?

JZMP: Sim.

CFTR: Turma de Ipaussu era de excelência. Sem tirar nem por. Até o prefeito, não, o diretor, atual diretor. Ele é diretor?

JZMP: O Viol?

CFTR: Viol.

JZMP: Viol tá como diretor em Ipaussu.

CFTR: Continua?

JZMP: Continua.

CFTR: Ele também. Ele é um ótimo profissional, é que ele é... (risos), ele é um ótimo... Ele é muito esperto. Gosto, adoro ele. Sempre muito solícito, sempre assim de uma educação com a gente muito grande, sempre foi muito educado. Enfim, eu acho que ali naquela escola nós tínhamos um grupo de professores de excelência, e não sabíamos. Nós mesmos não sabíamos do nosso potencial, acho que por isso que os egos inflamaram ali. Eu não sei!

JZMP: É, mas tudo serviu como experiência!

CFTR: Experiência de vida mesmo.

JZMP: Sim.

CFTR: Mas parabéns, minha amiga, pelo teu trabalho. Parabéns, mesmo! Vai dar certo. Vai, fechou.... A plaquinha que você vai receber. Sim, para você e para sua família, uma família linda, linda, linda. Que Deus abençoe.

JZMP: Amém! Fica com ele.

CFTR: Foi muito falar com você!

JZMP: E a gente vê em breve, Cleusa. Beijo até mais.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Arte

Cleusa de Fátima Teixeira Romani

Janice Zilio Martins Pedroso

Técnico em Agropecuária

Escola agrícola

Etec Orlando Quagliato

Cândido Portinari

Anita Malfati

Van Gogh

Paisagens de Monet

Burle Marx

Festa Junina

Aulas técnicas

Interdisciplinaridade

Feijoada

Dados Biográficos da Entrevistada



Cleusa de Fátima Teixeira Romani- Nascida em Ourinhos/ SP, em 6 de novembro de 1960. Fez o Ensino Fundamental na Escola Estadual de Primeiro Grau “Horácio Soares” (1977), o Ensino Médio com Habilitação em Eletrotécnica na EEPSPG “Jacinto Ferreira de Sá” (1982), Licenciatura em Educação Artística - 1º grau (1984) e Habilitação em Artes Plásticas (1987) pelas Faculdades Integradas de Ourinhos, Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/ PR (1992), Licenciatura em Estudos Sociais (História e Geografia) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Rio Pardo (1998), Pós-graduação em Comunicação e Artes através da Informática pela Faculdade Integradas de Ourinhos (2000). Concluiu o curso “Museologia e Turismo: os caminhos para a educação patrimonial na Universidade de São Paulo (1998), concluiu o curso de extensão universitária “Atividades Recreativas Pedagógicas” na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/ PR (1989), organizou a I Semana dos Pensadores na Etec “Jacinto Ferreira de Sá” (2008), Apresentou o trabalho científico “Ensino Médio Integrado ao Técnico perspectivas e desafios na III Mostra de Trabalhos de Cursos Técnicos na Universidade Estadual de Campinas (2013). Coautora do livro “Folclore Brasileiro”, São Paulo: Copidart Editora, 2001.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio, em 4 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização *Latu Sensu* em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização *Latu Sensu* em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018). Especialização *Latu Sensu* em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Mestrado Profissional em Educação- Universidade Estadual do Norte do Paraná (2022 a 2024). Desde 1997, é professora do Centro Paula Souza na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho (1997 a 2000) e na Etec Orlando Quagliato (2012- atual). Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e Coordenadora de curso (2019 a 2021 e 2024) na Etec Orlando Quagliato. Membro no grupo História, Sociedade e Educação no Brasil - GT HISTEDBR Norte Pioneiro/PR desde 2022. Curadora do Centro de Memória da Etec Orlando Quagliato desde 2022. Parecerista do 42º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (2024) e da XVII Jornada do HistdedBr (2024).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):
Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Cleusa de Fátima Teixeira Romani.
Termo de Autorização para uso de Imagem de Cleusa de Fátima Teixeira Romani.